Entre a objetificação e a resistência: Sarah Baartman em Vénus Noir, de Urias

Between Objectification and Resistance: Sarah Baartman in Urias's Vénus Noir.

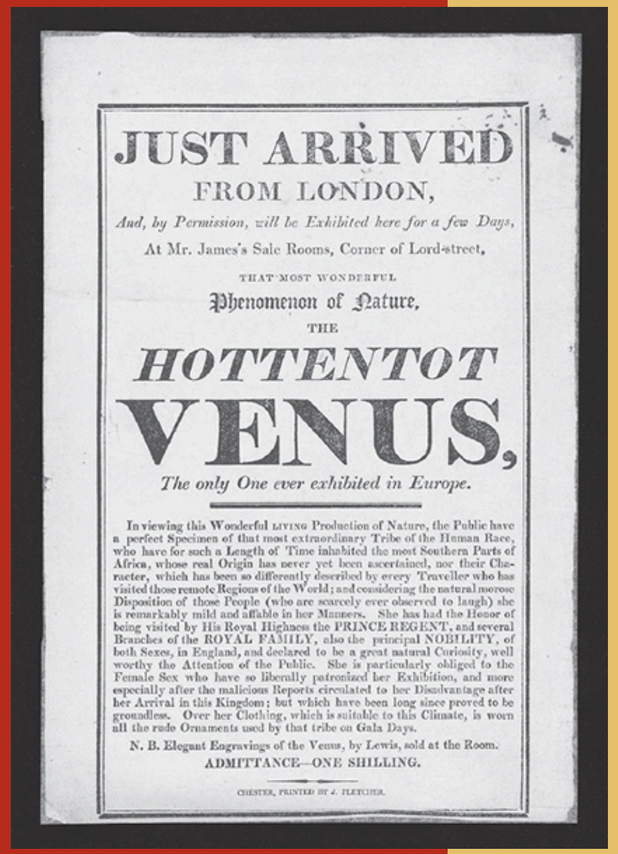
Autores: Lucas Gonçalves de Oliveira;
Ana Clara Novais Santana de Freitas;
Deborah Luísa Vieira dos Santos.

mei studies



"Carranca", Isaac Sales, 2025. Óleo sobre tela.

Sarah Baartman:
o corpo negro como espetáculo colonial


JUST ARRIVED
FROM LONDON,
And, by Permission, will be Exhibited here for a few Days,
At Mr. James's Sale Rooms, Corner of Lord-street,
THAT MOST WONDERFUL
Phenomenon of Nature,
THE
HOTTENTOT
VENUS,
The only One ever exhibited in Europe.

In viewing this Wonderful LIVING Production of Nature, the Public have a perfect Specimen of that most extraordinary Tribe of the Human Race, who have for such a Length of Time inhabited the most Southern Parts of Africa, whose real Origin has never yet been ascertained, nor their Character, which has been so differently described by every Traveller who has visited those remote Regions of the World; and considering the natural morose Disposition of those People (who are scarcely ever observed to laugh) she is remarkably mild and affable in her Manners. She has had the Honor of being visited by His Royal Highness the PRINCE REGENT, and several Branches of the ROYAL FAMILY, also the principal NOBILITY, of both Sexes, in England, and declared to be a great natural Curiosity, well worthy the Attention of the Public. She is particularly obliged to the Female Sex who have so liberally patronized her Exhibition, and more especially after the malicious Reports circulated to her Disadvantage after her Arrival in this Kingdom; but which have been long since proved to be groundless. Over her Clothing, which is suitable to this Climate, is worn all the rude Ornaments used by that tribe on Gala Days.

N. B. Elegant Engravings of the Venus, by Lewis, sold at the Room.
ADMITTANCE—ONE SHILLING.

CHESTER, PRINTED BY J. FLETCHER.

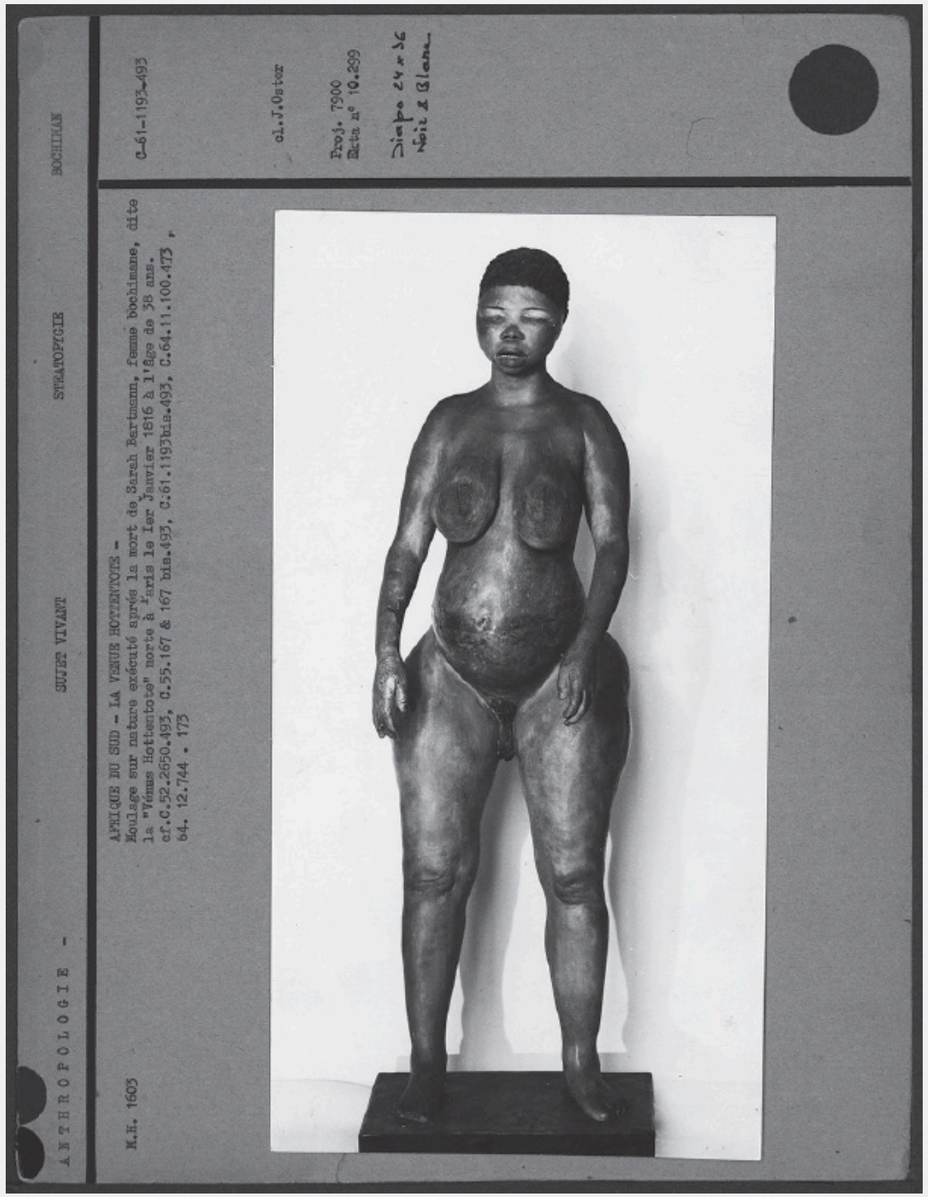
Sarah Baartman, originária da região do Cabo, no sul da África, foi levada à Europa em 1810 e exibida publicamente em Londres e Paris. Seu corpo tornou-se objeto de curiosidade popular e científica, submetido a observações e classificações que associavam características físicas à ideia de diferença racial.

Conforme Stuart Hall (2016), Baartman foi construída como uma personificação da alteridade: sua imagem passou a representar uma diferença supostamente natural, associada à animalidade, à sexualidade e ao afastamento dos padrões europeus de humanidade.



Sua trajetória evidencia como o corpo de uma mulher negra pôde ser transformado em espetáculo, enquanto sua individualidade e subjetividade eram subordinadas aos significados impostos pelo olhar colonial.

Essa memória histórica constitui o ponto de partida para analisar Vénus Noir, canção em que a artista brasileira Urias retoma a figura de Baartman e tensiona as representações historicamente atribuídas ao corpo negro.



Referência: Hall (2016, pp. 204–205, 209).

Problema de pesquisa: quem define os sentidos do corpo negro?

A pesquisa investiga como a canção Vénus Noir, de Urias, ressignifica a figura histórica de Sarah Baartman e disputa as representações coloniais do corpo negro na cultura pop contemporânea.

O problema central parte de uma contradição: se o corpo negro foi historicamente representado por meio da objetificação, da hipersexualização e da redução de sua subjetividade, de que maneira uma produção musical contemporânea pode mobilizar essa memória e produzir outros sentidos?

A hipótese do artigo é que a canção retoma a memória de Baartman como forma de resistência simbólica e de reconfiguração identitária. Essa possibilidade, contudo, não significa que a obra supere integralmente as estruturas históricas que procura questionar.

A análise considera, portanto, tanto os deslocamentos promovidos pela música quanto as contradições que permanecem na representação do corpo negro dentro da cultura pop.

Questão orientadora:
como letra, voz, sonoridade e performance participam da disputa pelos significados historicamente atribuídos ao corpo negro?

Cultura pop como espaço de produção e disputa de sentidos

A cultura pop não se limita ao entretenimento.

Ela constitui um espaço de produção de sentidos, circulação de imagens e construção de identidades, no qual diferentes visões de mundo podem ser reproduzidas, negociadas ou contestadas.

Soares et al. (2025) destacam que os produtos culturais participam da formação das subjetividades, mobilizam afetos e criam possibilidades de pertencimento. Kellner (2001), por sua vez, demonstra como a cultura da mídia oferece imagens, narrativas e valores por meio dos quais os sujeitos interpretam a si mesmos e a sociedade.



Essas produções são atravessadas por contradições: ao mesmo tempo que podem reforçar estereótipos e desigualdades, também podem abrir espaço para perspectivas divergentes das representações dominantes.

Nessa perspectiva, Vénus Noir é analisada como uma obra inserida em um campo cultural no qual memória histórica, identidade, visibilidade e consumo se encontram em disputa.



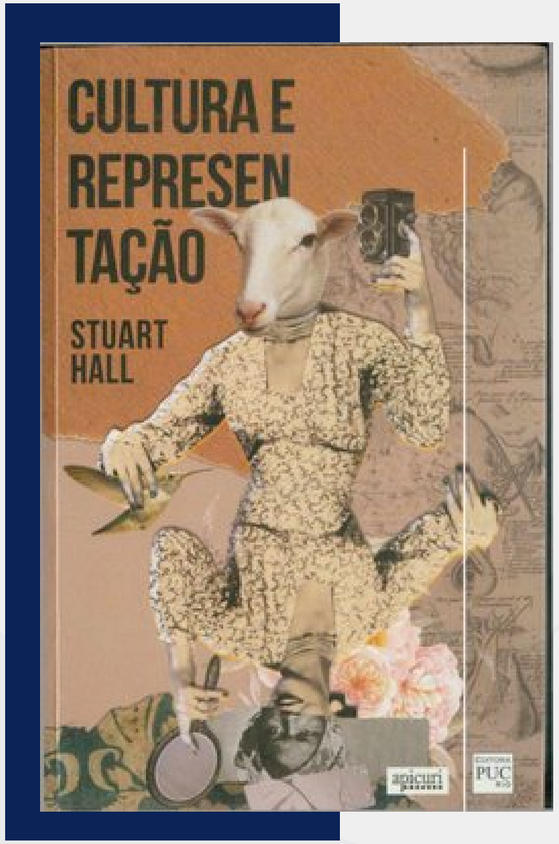
“Referências: Soares et al. (2025); Kellner (2001).

Representação, poder simbólico e racialização

A análise articula diferentes perspectivas teóricas para compreender como os significados associados ao corpo negro são construídos, legitimados e contestados.



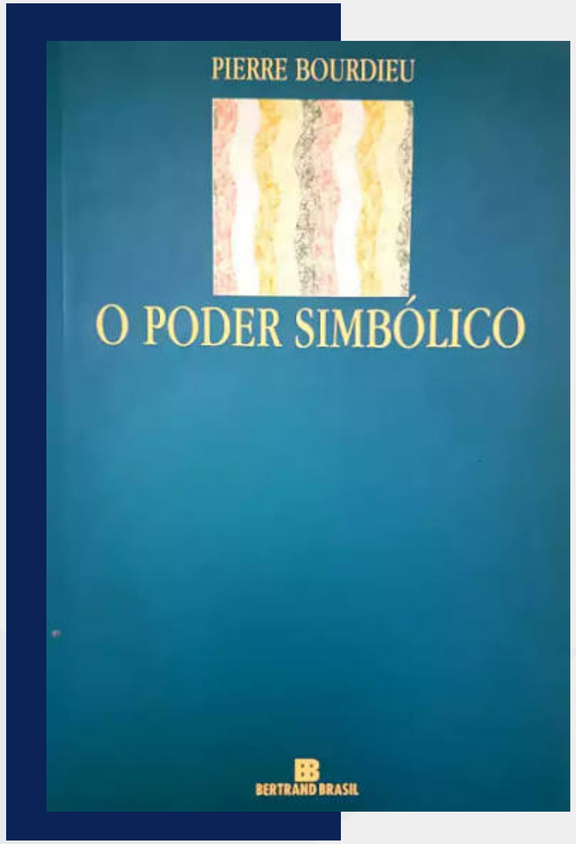
Representação, poder simbólico e racialização



Representação

Os sentidos não são propriedades naturais dos sujeitos. São produzidos culturalmente por meio da linguagem e de códigos compartilhados. A estereotipagem reduz indivíduos a características simplificadas e estabelece fronteiras entre o que é considerado normal e aquilo que é construído como diferença

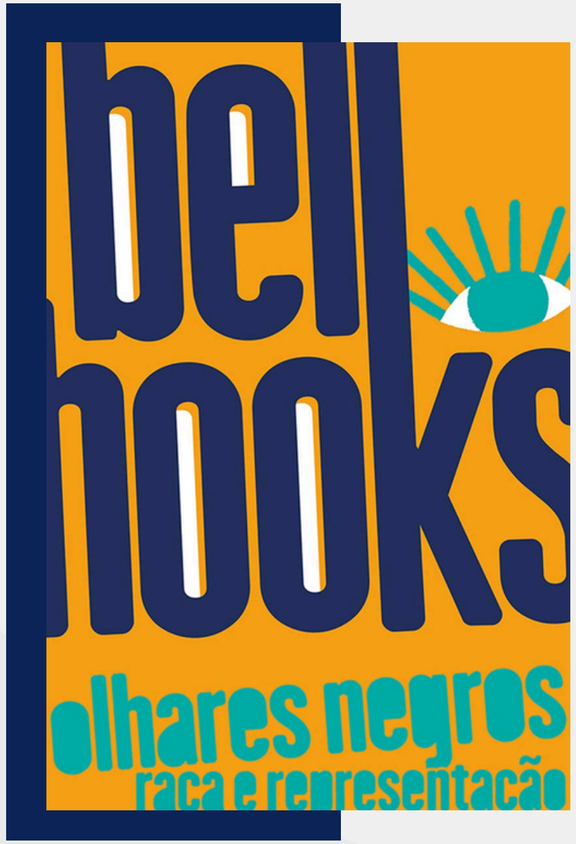
Representação, poder simbólico e racialização



Poder Simbólico

As classificações sociais não são neutras. O poder de definir como um corpo será percebido influencia quais identidades e interpretações são reconhecidas como legítimas.

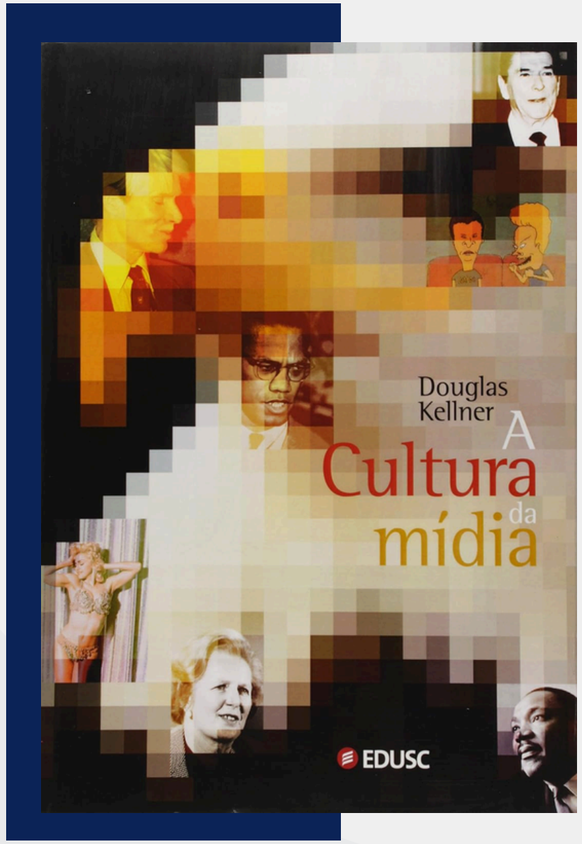
Representação, poder simbólico e racialização



Raça e representação

A representação do corpo negro precisa ser compreendida considerando as relações entre o olhar, a objetificação e a possibilidade de construção de outras formas de subjetividade.

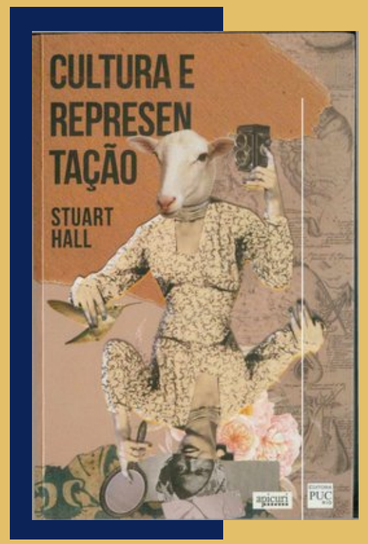
Representação, poder simbólico e racialização

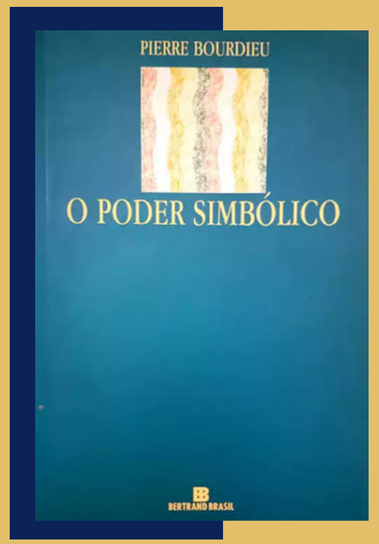


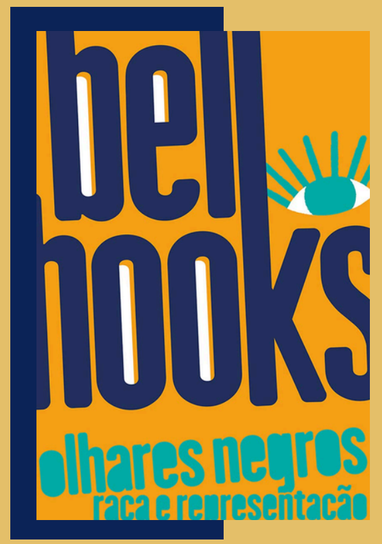
Cultura da Mídia

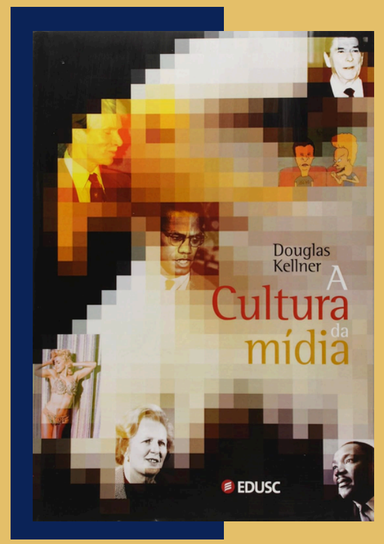
A produção cultural reúne possibilidades de contestação e dinâmicas econômicas que condicionam a circulação das imagens e a construção do reconhecimento.

Representação, poder simbólico e racialização









Em conjunto, essas perspectivas permitem investigar não apenas o que a canção representa, mas também quais sentidos ela retoma, desloca ou deixa em tensão.

Metodologia: análise discursiva de letra, voz e performance

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa e interpretativa, fundamentada na Análise de Discurso e na análise cultural. O objeto é a canção Vénus Noir, de Urias, lançada em 2025 no álbum CARRANCA.

O procedimento analítico considera a letra da música e aspectos de sua dimensão sonora, especialmente a interpretação vocal, a entonação e os elementos musicais que participam da produção de sentidos. Também considera o visualizer oficial, observando a apresentação corporal, os gestos e os recursos estéticos mobilizados na performance.

A análise da construção do sujeito discursivo utiliza o conceito de ethos, de Dominique Maingueneau (2013). O conceito permite examinar a imagem de sujeito construída pela própria enunciação, articulando a maneira de dizer à corporalidade e às representações sociais associadas à figura do enunciador.



O percurso analítico compreende três movimentos:

IDENTIFICAR AS REFERÊNCIAS À MEMÓRIA DE SARAH BAARTMAN

EXAMINAR OS SENTIDOS PRODUZIDOS PELAS ESCOLHAS LINGUÍSTICAS E EXPRESSIVAS DA CANÇÃO

INTERPRETAR OS POSSÍVEIS DESLOCAMENTOS DAS REPRESENTAÇÕES HISTORICAMENTE ASSOCIADAS AO CORPO NEGRO

As interpretações são tratadas como possibilidades fundamentadas nos elementos da obra, e não como afirmações definitivas sobre a intenção da artista ou sobre os efeitos da música em seu público.

Referências:
Martino (2018); Maingueneau (2013).

Objetificação e hipersexualização: o corpo como objeto de consumo

A letra de Vénus Noir mobiliza imagens que aproximam o corpo negro feminino do desejo, da exposição e do consumo.

Nos versos **“Preta malícia, pintada a pincel”** e **“Na porta do hotel / Querem sentir todo o sabor do meu mel”**, o corpo aparece associado a uma imagem construída para ser vista e desejada.

A expressão **“pintada a pincel”** permite interpretar esse corpo como uma representação produzida, moldada por expectativas e códigos sociais.

Já a imagem do **“sabor do meu mel”** pode remeter à transformação da intimidade em objeto de consumo, aproximando a experiência enunciada dos repertórios de hipersexualização historicamente associados às mulheres negras.

Essa leitura dialoga com a análise de Stuart Hall (2016) sobre a produção de estereótipos raciais e com bell hooks (2019), ao considerar como o olhar sobre o corpo negro pode subordiná-lo ao desejo de terceiros.

A relação com Sarah Baartman não significa equiparar suas experiências históricas à representação artística contemporânea de Urias. O vínculo analítico está na persistência de mecanismos de representação que reduzem corpos negros a características físicas e sexuais, colocando sua subjetividade em segundo plano.

A canção permite, assim, investigar como imagens historicamente associadas à objetificação são retomadas e tensionadas no contexto da cultura pop.

Referências: Hall (2016); hooks (2019); Gonzalez (2020).





Visibilidade não é o mesmo que **reconhecimento**

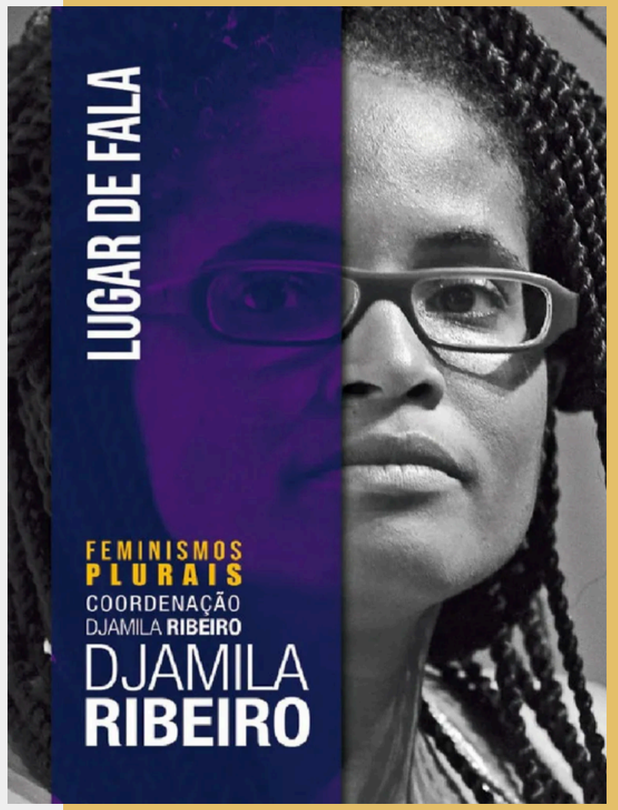
Em Vénus Noir, a presença do sujeito não garante que sua experiência seja efetivamente reconhecida. Essa tensão aparece nos versos **“Eu me pergunto se escutaram o que é meu / Percebo que ninguém prestou atenção”**.

A sequência desloca o problema da simples possibilidade de falar para a possibilidade de ser escutado. O sujeito enunciador expressa uma experiência própria, mas questiona se aquilo que tem a dizer foi reconhecido para além de sua presença pública.

A discussão dialoga com Djamila Ribeiro (2017), especialmente com a reflexão de que falar envolve também a possibilidade de existir socialmente e ter a própria perspectiva reconhecida. Em aproximação com hooks (2019), a canção permite observar a distância entre visibilidade e escuta efetiva: estar exposto ao olhar público não significa, necessariamente, ser reconhecido em sua complexidade.

Essa contradição é central para a análise da memória de Sarah Baartman. Seu corpo foi intensamente observado e exposto, mas essa visibilidade ocorreu sob classificações que subordinavam sua individualidade ao olhar colonial.

Em Urias, a questão da escuta introduz uma tensão entre ser objeto da representação e reivindicar uma posição de sujeito. A canção não elimina essa contradição, mas a transforma em parte de sua enunciação.



Referências: Ribeiro (2017); hooks (2019); Hall (2016).

Voz e sonoridade: a construção de uma posição de enfrentamento



A interpretação vocal participa ativamente da produção de sentidos em Vénus Noir. O contraste entre a condução mais suave de determinados versos e a ênfase conferida às expressões “Negra!” e “Ram—pam—pam—pam” organiza diferentes intensidades expressivas ao longo da canção.

A palavra “Negra!” admite uma leitura ambivalente. Sua enunciação pode evocar o uso da identidade racial como marca de diferenciação e desqualificação. Ao mesmo tempo, sua presença enfática no centro da obra coloca a identidade negra em primeiro plano. A análise não pressupõe que a palavra seja necessariamente depreciativa em todos os contextos, nem que exista uma única intenção possível para seu uso.

A expressão “Ram—pam—pam—pam” também merece atenção. Sua articulação rítmica pode ser associada auditivamente à representação de disparos de arma de fogo. Essa associação, entretanto, é uma possibilidade interpretativa, não a identificação de um som literal de arma na gravação.

Ao aproximar essa sequência de “Barulheira negra”, a música permite investigar a tensão entre a desqualificação da presença negra — apresentada como ruído ou excesso — e sua insistência em ocupar o espaço discursivo.

À luz de Maingueneau (2013), essas escolhas participam da construção de um ethos de enfrentamento: uma imagem discursiva que reivindica espaço e questiona o silenciamento, sem que isso deva ser confundido com uma descrição definitiva da personalidade de Urias.

Referências: Maingueneau (2013); Ribeiro (2017); hooks (2019).

O corpo em performance: entre exposição e agência

O visualizer de Vénus Noir apresenta uma cena de dança que se repete em loop durante toda a música. Em vez de desenvolver uma narrativa visual linear, a repetição mantém o corpo da artista em evidência e direciona a atenção para seus movimentos, gestos e expressões.

A performance combina rebolados, pausas corporais (freezes) e movimentos que remetem, de maneira adaptada e fluida, a referências de dança como o Steve Martin e o Bart Simpson. A coreografia articula repertórios da dança urbana a gestos sensuais e expressões faciais que acompanham a música.

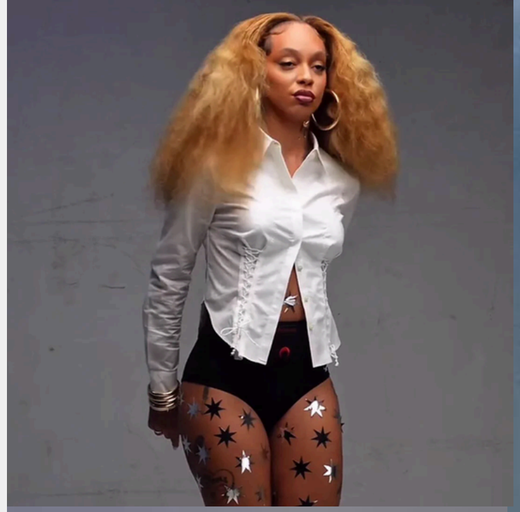


A composição visual também reúne códigos distintos: cabelo natural em tonalidade mel, acessórios dourados, camisa social branca usada de maneira despojada e parcialmente abotoada, abdômen tatuado, short preto, meia-calça, estrelas prateadas sobre a pele e sapatos pretos de salto médio.

Essa combinação produz uma imagem elaborada que não se reduz à representação do corpo negro como objeto de curiosidade. Em diálogo com Maingueneau (2013) e Soares et al. (2021), a corporalidade pode ser compreendida como parte da construção do ethos e da relação entre corpo, voz e expressão na cultura pop.

A sensualidade da performance, entretanto, permanece ambígua. Pode evocar repertórios históricos de hipersexualização, mas também permite investigar como a artista participa da construção e da apresentação de sua própria imagem. A exposição corporal não significa automaticamente submissão, assim como a presença performática não comprova, por si só, uma emancipação das estruturas de objetificação.

Referências: Maingueneau (2013); hooks (2019); Soares et al. (2021).











“Barulheira negra”: pertencimento, exclusão e hierarquias simbólicas



“Barulheira negra não entra no céu”, Isaac Sales, 2025. Óleo sobre tela.

Instagram: aisaaccc

Os versos **“Na porta do céu / Distribuo selfies, já que aqui eu sou réu”** e **“Barulheira negra, negra não entra no céu”** articulam imagens de julgamento, fronteira e exclusão. A porta estabelece um limite simbólico entre quem pode entrar e quem permanece do lado de fora. A posição de réu, por sua vez, introduz a ideia de um sujeito submetido a julgamento.

Nesse contexto, a expressão **“barulheira negra”** pode carregar um sentido depreciativo, como se a presença negra fosse excessiva, incômoda ou inadequada. Sua repetição enfática, contudo, também permite interpretar essa presença como algo que insiste em se fazer ouvir, mesmo quando é apresentada como indesejável.







Os versos **“Se já escolheu pra quem vai rezar / O joelho dobrar já pode começar”**, lidos em conjunto com a imagem da porta do céu, permitem explorar uma interpretação relacionada às hierarquias religiosas e culturais.

No contexto brasileiro, religiões de matriz africana, como o Candomblé e a Umbanda, foram historicamente alvo de estigmatização e perseguição. A letra pode, portanto, ser interpretada como uma provocação sobre os sistemas que definem quais crenças são consideradas legítimas e quais são marginalizadas.

É importante delimitar o alcance dessa leitura: a canção não nomeia diretamente o cristianismo, o Candomblé ou a Umbanda. A relação com essas tradições constitui uma interpretação contextual dos autores, e não uma referência textual inequívoca ou uma intenção comprovada da artista.







Referências:
Hall (2016); Kellner (2001).



Visibilidade, produtividade e consumo na cultura pop

A disputa por reconhecimento em Vénus Noir também aparece nos versos **“Processo de criação quantas músicas terão?”** e **“Mas é tudo pro povo um Grammy, um troféu”**.

A aproximação entre o processo criativo, a expectativa por novas músicas e a referência a prêmios permite interpretar uma tensão entre expressão artística e exigência de produtividade. O reconhecimento aparece associado a símbolos de prestígio, enquanto a criação musical pode ser atravessada pela pressão de produzir continuamente novos conteúdos.

Essa dimensão dialoga com Douglas Kellner (2001), para quem a cultura da mídia participa tanto da construção de identidades e da circulação de disputas simbólicas quanto das dinâmicas econômicas e de consumo.

Nesse sentido, a visibilidade pode ampliar a circulação de narrativas que contestam representações dominantes, mas não elimina as condições mercadológicas que atravessam a produção cultural. A artista pode reivindicar subjetividade e reconhecimento dentro de um sistema que também transforma obras, imagens e identidades em produtos de consumo.

A contradição não invalida a possibilidade de resistência.

Ela evidencia que a contestação simbólica acontece dentro de estruturas que não são inteiramente superadas pela própria obra.

Referência: Kellner (2001).













Resultados: quatro tensões que atravessam Vénus Noir

1. Memória histórica e representação

A retomada de Sarah Baartman recoloca em circulação a memória de um corpo negro feminino submetido ao espetáculo colonial, permitindo questionar a persistência de representações racializadas e hipersexualizadas.

2. Visibilidade e subjetividade

A letra evidencia que estar presente e expressar-se não garante ser escutado ou reconhecido. A voz reivindica espaço ao mesmo tempo que expõe as condições que limitam sua recepção.

Resultados: quatro tensões que atravessam Vénus Noir

3. Exposição e agência

A performance corporal mantém o corpo em evidência, mas não permite uma interpretação única. A sensualidade pode mobilizar repertórios de objetificação e, simultaneamente, compor uma apresentação ativa da própria imagem.

4. Resistência e consumo

A canção pode disputar sentidos historicamente estabelecidos, mas sua circulação permanece vinculada às dinâmicas econômicas e às exigências de produtividade da cultura pop.

Resultados: quatro tensões que atravessam Vénus Noir

1. Memória histórica e representação
2. Visibilidade e subjetividade
3. Exposição e agência
4. Resistência e consumo

Em conjunto, essas tensões demonstram que Vénus Noir não precisa ser interpretada como uma ruptura definitiva para constituir um espaço de contestação simbólica. Sua relevância está na forma como memória, letra, voz, sonoridade e performance colocam em disputa os significados associados ao corpo negro.

Referências:
Hall (2016); hooks (2019); Maingueneau (2013); Soares et al. (2021); Kellner (2001).



Conclusão: resistir sem apagar as contradições

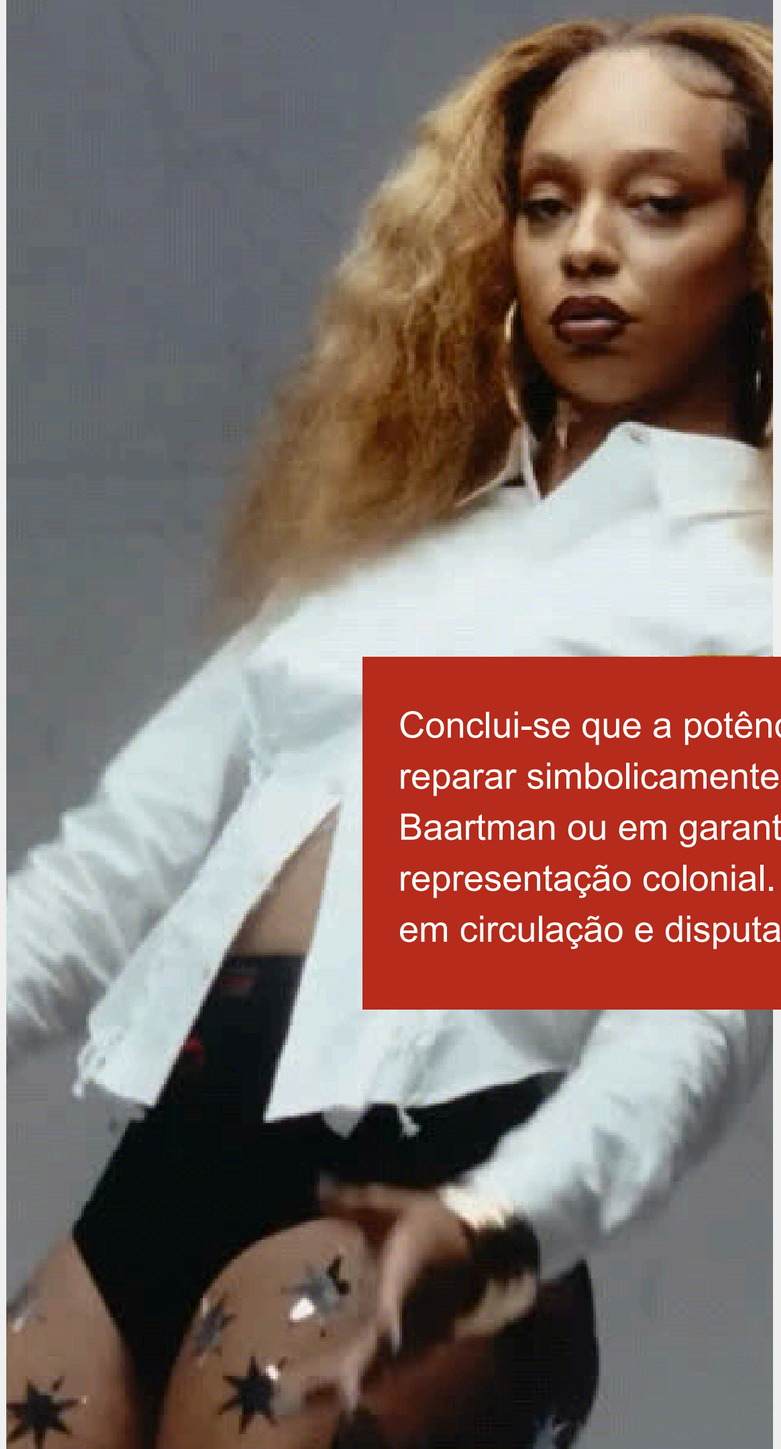
A análise de Vénus Noir permite compreender a retomada de Sarah Baartman como uma disputa em torno das representações do corpo negro na cultura pop contemporânea.

Ao mobilizar imagens de exposição, desejo e consumo, a canção dialoga com uma história na qual mulheres negras foram reduzidas a seus atributos físicos e sexuais, enquanto sua subjetividade era subordinada ao olhar de terceiros.

Entretanto, a obra não se limita a reiterar essas representações.

As escolhas líricas, a interpretação vocal e a performance corporal constroem uma posição discursiva que reivindica reconhecimento, questiona o silenciamento e tensiona as fronteiras simbólicas de pertencimento. A articulação entre voz e corpo participa da produção de sentidos, fazendo da performance mais do que uma ilustração da letra.

A análise também evidencia os limites dessa contestação. A sensualidade não comprova automaticamente emancipação; a interpretação religiosa permanece contextual; e o reconhecimento artístico convive com as exigências econômicas e de consumo que atravessam a cultura pop.



Conclui-se que a potência de Vénus Noir não está em reparar simbolicamente a violência sofrida por Sarah Baartman ou em garantir uma ruptura definitiva com a representação colonial. Está em recolocar essa memória em circulação e disputar os sentidos que a constituem.

A RESISTÊNCIA, NESSE CONTEXTO, É CONTRADITÓRIA

Envolve a possibilidade de reivindicar subjetividade, voz e pertencimento, ao mesmo tempo que permanece atravessada pelas hierarquias simbólicas e pelas dinâmicas de consumo que organizam a visibilidade contemporânea.





Referências Teóricas

- **Akotirene, C. (2019)**. Interseccionalidade. Sueli Carneiro; Pólen.
- Bourdieu, P. (2011). O poder simbólico. Bertrand Brasil.
- **Gonzalez, L. (2020)**. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa (pp. 190–214). Diáspora Africana.
- **Hall, S. (2016).** Cultura e representação. PUC-Rio.
- **hooks, b. (2019).** Olhares negros: raça e representação. Elefante.
- **Kellner, D. (2001).** A cultura da mídia. Edusc.
- **Maingueneau, D. (2013).** Análise de textos de comunicação. Cortez.
- **Martino, L. (2018).** Métodos de pesquisa em comunicação: projetos, ideias, práticas. Vozes.
- **Ribeiro, D. (2017).** O que é lugar de fala? Letramento.
- **Rosa, L., & Nogueira, I. (2015).** O que nos move, o que nos dobra, o que nos instiga: notas sobre epistemologias feministas, processos criativos, educação e possibilidades transgressoras em música. Revista Vórtex, 3(2), 25–56.
- **Soares, T., Lima, D. A., Rolim, M. A. O. M., Rodrigues, E., & Pereira, L. M. (2025).** Introdução aos estudos de cultura pop. Selo PPGCOM/UFMG.
- **Soares, T., Lins, M., & Mangabeira, A. (Eds.). (2021).** Divas pop: o corpo-som das cantoras na cultura midiática. Selo PPGCOM/UFMG.

Objeto de Análise



Urias. (2025). Vénus Noir [Canção]. In CARRANCA. YouTube Music.
Urias. (2025, 7 de outubro). Urias - Vénus Noir (Visualizer) [Vídeo]. YouTube

Obrigado(a)!
Thank You!
¡Gracias!

Lucas Gonçalves de Oliveira;
Ana Clara Novais Santana de Freitas;
Deborah Luísa Vieira dos Santos.